

O Fórum Social Mundial em defesa do mundo como ele é

Uma crítica que foi feita ao Fórum Social Mundial (FSM) em sua mais recente edição, em Belém, foi a ênfase no caráter não conclusivo das deliberações apresentadas. Evitava-se o máximo possível fazer defesas coletivas de ideias que se confundissem com propostas do próprio FSM.

TEXTO: SÉRGIO COUTINHO *

Esse problema acompanha o FSM desde sua primeira edição, em 2001, e sustenta a defesa de seus conselhos nacional e internacional de que não seria um movimento social, mas um espaço para debates, intercâmbio, enfim, para que todos possam ser ouvidos.

Nos seus documentos oficiais, o FSM afirma essas teses como parte dos seus fundamentos ideológicos. Analisarei aqui algumas das teses centrais do Fórum, de acordo com a sua Carta de Princípios, posterior à

primeira edição. Deste documento já se pode perceber como o FSM ainda é contraditório em suas metas e não consegue sustentar seu lema: “Um mundo onde todos os mundos sejam possíveis”. Essa tese será reforçada por referências à Agenda Global divulgada com o encerramento do FSM 2002.

O FSM ressalta na Carta, em defesa do seu pluralismo de ideias, o seu aspecto não-partidário: “Não deverão participar do Fórum representações partidárias nem organiza-



Belém - Índio durante evento paralelo ao Fórum Social Mundial (FSM) com os presidentes da Bolívia, Evo Morales, do Paraguai, Fernando Lugo, da Venezuela, Hugo Chavez, do Equador, Rafael Correa, para discutir a integração da América Latina

ções militares”, apesar de “em caráter pessoal”, governantes e parlamentares poderem ser convidados a participar, desde que assumam os compromissos da Carta e encontrem-se como observadores. Essas foram as razões indicadas pelos organizadores do FSM para justificar a ausência das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC) em suas duas primeiras edições, assim como de representantes do governo cubano. Porém, com base nos mesmos pressupostos, representantes do

* Sociólogo. Mestre em Sociologia pela UFAL. Responsável pelo blog Mundo em Movimentos. Autor do livro “O movimento dos movimentos: possibilidades e limites do Fórum Social Mundial”. Contato: coutinho2@gmail.com .



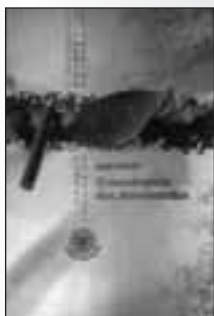
Mesa de debate no Fórum Mundial de Educação, realizado paralelamente ao FSM



Belém - Ministro da Justiça, Tarso Genro, e o presidente da Funai, Márcio Meira, durante reunião com grupos indígenas no FSM

Sérgio Coutinho

ist Soziologieprofessor an der Universität Maurizio de Nassau in Maceió und Autor des Buches *O movimento dos movimentos - Possibilidades e Limites do Fórum Social Mundial*, das die Möglichkeiten und Grenzen des Welt-



sozialforums aufzeigt. Coutinho wirft einen kritischen Blick auf die Entwicklung der zivilgesellschaftlichen Bewegungen vom 19. bis zum 20. Jahrhundert und analysiert deren weltweite Vernetzung der letzten Jahre, die in dem Megaevent Weltsozialforum mündete. Mehr Infos im Blog des Autors: "Mundo em Movimentos"
www.mundoemmovimentos.blogspot.com

PT e os presidentes do Brasil, da Bolívia e da Venezuela têm sido bem-vindos como convidados.

A proposta pluralista da Carta de Princípios precisava ser sistematizada. Não é instrumental apenas afirmar que todos os mundos serão possíveis. Se a ausência da luta armada, a defesa da diversidade dos povos e o combate ao neoliberalismo são centrais, já se podem articular algumas propostas a todos seus integrantes. O caráter sistemático do segundo Fórum permitia que, de forma distinta às centenas de oficinas e mesas redondas realizadas, as Conferências pudessem ser agrupadas de tal forma que o FSM 2002 pôde constituir uma Agenda Global.

Não é difícil acreditar que exista um consenso mundial sobre a importância de uma maior distribuição de riquezas, uma das metas da Agenda Global, mas não sobre um imposto internacional. Os movimentos franceses, pioneiros nessa campanha, estiveram entre os fundadores do FSM, após uma reunião realizada por Francisco Whitaker e Oded Grajew com Bernard Cassen e Ignácio Ramonet em Paris em 2000. Que organismo internacional escolheria o destino dos recursos desse fundo ainda é um mistério completo aos seus organizadores. Em outros termos, trata-se de criar um capitalismo humano, em que os investidores do mercado financeiro possam manter

suas transações com a consciência tranquila. Uma parte ínfima das suas fortunas (as estimativas dos seus defensores a situam por volta de 1%) seria destinada a programas de combate à pobreza do mundo. O capital seria, assim, um aliado das causas humanitárias dos movimentos sociais, não seria mais o mesmo neoliberalismo que o FSM visa arduamente combater hoje.

A defesa do comércio em rede, mas a "preços justos", com a distribuição dos lucros entre os países mais pobres complementa a proposta, sem qualquer referência aos procedimentos para sua efetivação. O mais próximo de um encaminhamento é exemplificar, no mesmo documento, com a "autogestão" das cooperativas, que seriam o princípio da propagada "solidariedade".

Deste modo, o FSM não precisa complementar seu lema. Pode afirmar que "um outro mundo é possível", mesmo sem afirmar qual seria. Seria mais preciso se retornasse à palavra de ordem original, do Exército Zapatista pela Libertação Nacional, "um mundo onde todos os mundos sejam possíveis". De acordo com a proposta do EZLN, não seria superado o mundo capitalista, mas apenas passaria a ser possível criar espaços para inserção na economia mundial de setores da sociedade que antes não participavam do mercado internacional.

Por isso mesmo, pode-se enfatizar o controle de capitais visando ao financiamento do desenvolvimento, moratória contra a Organização Mundial de Comércio, propostas imediatamente interessantes para os países que tenham menor participação no mercado internacional. A chamada globalização solidária seria, portanto, a efetiva mundialização do capital permitindo ao capital circular livremente em regiões que antes se sentiriam discriminadas por não fazerem parte do mercado mundial.

Para que se possa defender que um outro mundo é possível, é preciso alterar não apenas a distribuição internacional de riquezas, mas a sua

própria reprodução na sociabilidade capitalista. Será possível examinar que um outro Fórum Social Mundial, no momento, não é possível, por ser este tão útil ao capitalismo, mas um outro mundo continua sendo necessário para a existência digna da espécie humana.

Do modo como se articulam as propostas do FSM, é difícil distinguir suas metas e as do Fórum Econômico Mundial de Davos. Talvez nem mesmo seja preciso tentar. Mostram-se em suas práticas como irmãos ideologicamente siameses, em defesa do livre mercado com limites éticos flexíveis que permitam adaptações sempre que a reprodução de riquezas possa estar ameaçada. ■

Weltsozialforum

Unter dem Motto „Eine andere Welt ist möglich“ nahmen 133.000 Personen aus 142 Ländern – die meisten aus Brasilien – vom 27. Januar bis zum 2. Februar am Weltsozialforum (FSM) 2009 in Belém teil. Mit dabei waren auch 1.900 indigenas, die 120 Volksstämme repräsentierten. In mehr als 4.000 Veranstaltungen wurden Wege aus der Finanzkrise und Themen wie Umwelterstörung, Menschenrechte und Klimawandel diskutiert.

Nach seiner Gründung 2001 in Porto Alegre und den darauffolgenden Treffen in verschiedenen Erdteilen kehrte das Forum dieses Jahr wieder nach Brasilien zurück. Die internationale Finanzkrise hat dem FSM einen unerwarteten Aufschwung verschafft – das Thema dominierte auch das gleichzeitig im schweizerischen Davos stattfindende Weltwirtschaftsforum (WEF). Obwohl das Weltsozialforum keinen Entscheidungscharakter besitzt und bewusst auf eine gemeinsame Abschlusserklärung verzichtet, ist es das weltweit wichtigste zivilgesellschaftliche Treffen. Ob es der Ort ist, an dem globale politische Strategien entwickelt werden, bleibt aber auch nach Belém fraglich.

Die Staatspräsidenten Brasiliens, Boliviens, Venezuelas, Ecuadors und Paraguays nutzten die Bühne, um den „Tod des Gottes namens Markt“ zu erklären. Die Anwesenheit von Lula, Morales, Chávez, Correa und Lugo warf aber auch die Frage nach Nähe und Distanz des Forums zu den linksgerichteten Regierungen Lateinamerikas auf. Das Weltsozialforum wurde als Gegenveranstaltung zum WEF konzipiert, dennoch hat es manches mit Davos gemein: Die Teilnehmer beider Treffen möchten, dass die Globalisierung menschlicher, gerechter wird, stellt unser Autor Sérgio Coutinho im nebenstehenden Artikel fest.

(GH)